



Animal suffering and the Darwinian problem of evil¹

O sofrimento animal e o problema darwiniano do mal

Glauber Souza Araujo²

Resenha de: SCHNEIDER, John R. *Animal Suffering and the Darwinian Problem of Evil*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020. 287 p.

Professor emérito de Teologia de Calvin College, John R. Schneider leciona atualmente em Grand Valley State University, Michigan (EUA). Já publicou uma obra sobre Philip Melancthon e a autoridade bíblica (1990) e outra sobre espiritualidade e economia (2002). Sua última publicação está voltada às implicações do darwinismo para a teologia cristã, especialmente no que se refere ao problema do mal e à defesa de Deus (teodiceia).

Schneider se propõe a enfrentar a dificuldade darwiniana em seu cerne, evitando os desvios e distrações de argumentação que muitas vezes marcam esses debates. Ele está consciente da magnitude do problema, especialmente no tocante à seleção natural. É Deus moralmente justificável ao usar a evolução para formar a vida? Como justificar o sofrimento de milhões de organismos que lutaram pela sobrevivência, sendo que a grande maioria pereceu?

No capítulo 1, Schneider oferece um panorama do problema, mostrando como as últimas descobertas científicas apenas intensificaram o problema. Pesa sobre a teologia a difícil responsabilidade de desenvolver uma teodiceia que agora considere as implicações do tempo profundo, da seleção natural, dos diferentes “mundos” biológicos que já existiram e o futuro que a evolução oferece.

No segundo capítulo, argumentos e ateístas que lidam com o problema darwiniano são analisados. Críticos como William Rowe, Paul Draper e Daniel Howard-Snyder são discutidos, e a natureza da argumentação ateísta é abordada. Mostrando a diferença entre argumentos lógicos e

¹ Recebido em 4 de outubro de 2021. Aceito em 31 de outubro de 2022 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Mestre. Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP-C2). E-mail: glauberaraujo@yahoo.com



evidenciais, o autor mapeia a estrutura de cada argumento e oferece possíveis soluções para o debate.

No capítulo seguinte, a questão que muitos levantam desde os tempos de René Descartes é novamente ressuscitada: os animais sentem dor? Essa tem sido uma questão frequentemente levantada por aqueles que propõem soluções ao problema do sofrimento animal. Se os animais não sentem dor, então não existe, fundamentalmente, um problema a ser discutido. No caso do autor, o problema darwiniano é real e os sinais de sofrimento em animais são autênticos.

No quarto capítulo, ele analisa as diferentes explicações que existem para Deus ter permitido o mal. Uma das frequentes condições estabelecidas por apologistas é a condição do bem maior. No entanto, no contexto da evolução, Schneider se pergunta se o surgimento do *homo sapiens*, bem como o de milhares de espécies não humanas são bens maiores em relação à perda de bilhões de organismos que já viveram na Terra. Em diálogo com Roderick Chisholm, o autor questiona a teoria de que Deus é moralmente justificado em permitir o mal desde que o bem vença ao final.

Diante dessas conclusões, o autor analisa, nos três seguintes capítulos, três abordagens ao problema darwinista do mal: a teodiceia lapsariana, a teodiceia evolucionista da única maneira e a teodiceia estética.

No capítulo 5, ele revisa a teodiceia mais antiga desenvolvida pelo cristianismo, a da queda de Adão e Eva. Schneider rejeita completamente a teodiceia lapsariana por diversos motivos. Para ele, a morte já existiria antes dos primeiros humanoides. Além do mais, o Cânon não aparenta apoiar a teologia lapsariana de Agostinho. Schneider também questiona a moralidade de impor ao reino animal um sofrimento decorrente de um erro humano. Mesmo se existisse uma conexão entre seres humanos e outros seres vivos, “que conexão moral que justificaria a Deus pode existir entre ambos?” (p. 86).

No capítulo seguinte, o teólogo passa a analisar as teodiceias que apresentam o darwinismo como a única maneira possível de explicar o surgimento da vida. Embora adepto do darwinismo, Schneider questiona esse exclusivismo. Não haveria outras saídas que também pudessem ser consideradas?

No capítulo 7, Schneider chega a sua proposta central. Ele argumenta que devemos analisar o sofrimento animal e o darwinismo como uma peça de arte trágica criada por Deus. Assim, o criador é tido como um artista, atuando em uma obra cujo gênero é trágico, dando ao sofrimento natural mais sentido. Schneider também reconhece que o gênero da tragédia que ele propõe é



contrário ao tema geral encontrado na Bíblia. Ao que tudo indica, a Bíblia promove uma visão “antitrágica” da realidade. Outro problema identificado pelo autor é que, ao tratar do mal e do bem a partir de uma perspectiva estética, muitos filósofos e teólogos acabam apresentando uma criação em que o bem e o mal estão equilibrados, tornando “a beleza cúmplice do mal” (p. 145). Como consequência, o conceito de beleza se torna corrompido.

No oitavo capítulo, o autor passa a estudar o livro de Jó e sua relação com a discussão do sofrimento. Temas como caos e ordem na criação, os limites entre cada esfera da criação e as fronteiras entre ser e não ser recebem ênfase particular. O que salta aos olhos do leitor é o silêncio sobre o papel desempenhado por Satanás na narrativa. A teologia cristã tem tradicionalmente discutido a oposição do inimigo ao bem e sua capacidade de manipular a criação e interferir nela. Esse conceito é inaugurado no livro de Jó, mas é totalmente ignorado por Schneider.

No capítulo 9, Schneider aborda o tema da *kenosis* darwiniana. *Kenosis* é o conceito paulino da auto-humilhação de Deus, empregado por teólogos contemporâneos para afirmar que Deus precisou passar por um autoesvaziamento a fim de abrir espaço para o surgimento de uma criação emergente e livre. A exemplo de seu criador, a natureza é vista como oferecendo um autossacrifício para que um bem maior possa ser alcançado. Devido à semelhança com o sacrifício de Cristo na cruz, o sofrimento da natureza é tido como “cruciforme”.

No último capítulo, Schneider apresenta o lado escatológico de sua teodiceia: o universalismo cósmico. Para ele, Deus não irá salvar exclusivamente o ser humano, mas todo o universo. Assim, Deus irá vencer os males evolutivos e criará um céu messiânico onde os animais poderão habitar. Para o autor, o céu não será uma realidade unicamente para o ser humano desfrutar, mas também para os animais. Não será uma salvação representativa, a exemplo do salvamento relatado na história de Noé, mas universal – todas as espécies e todos os indivíduos poderão viver no paraíso.

Em resumo, a obra de Schneider é muito útil para aqueles que desejam conhecer o universo teológico e apologético que tem se preocupado com o mal natural e o sofrimento de animais. Não é um material introdutório, mas expande os horizontes do leitor para conhecer os diferentes autores e textos que existem no ramo. Temos notado um interesse crescente por parte do universo teológico e acadêmico pelo problema do mal natural, talvez motivado por preocupações ecológicas. De qualquer forma, a obra de Schneider oferece ótimas reflexões ao debate. Obviamente, nem



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

417

todas as indagações são resolvidas. Mas o autor oferece respostas contundentes às indagações levantadas pelo problema em análise.